



FRATERNIDADE MISSIONÁRIA "O CAMINHO"

O Pobre
é a Obra!



que tinham os primeiros cristãos de tão especial para gozarem de tal simpatia? A resposta nos é dada uns versículos mais acima: Viviam unidos e tinham tudo em comum; distribuíam os seus bens de acordo com as necessidades de cada um; oravam diariamente, partiam o pão nas casas, etc. (v. 44-47a).

Esse “novo jeito de viver” causou um impacto tão profundo na sociedade da época, que os cristãos não só gozavam da simpatia do povo, como também atraíam outros para viverem o mesmo estilo de vida: “E o Senhor cada dia lhes ajuntava outros...” (v.47b).

É nisso que devemos irredutivelmente crer. Não importa o quanto sejamos incompreendidos, precisamos acreditar que a vivência do Evangelho, vivida na mesma intensidade com a qual os primeiros cristãos o viveram, também produzirá o mesmo efeito.

As evidências já estão aí para serem vistas por nós. Nem mesmo os estranhamentos e as incompreensões por parte de alguns, foram capazes de inibir o impacto que tem sobre a maioria das pessoas, o nosso jeito de viver.

A completa doação de si mesmo Àquele que nos chamou, manifestada numa total doação aos pobres, numa absoluta confiança de que Ele não deixará faltar nada aos seus pequeninos, vivida num clima de fraterna alegria e de intimidade espiritual, têm levado outros a se juntarem a nós. Basta viver o Evangelho para termos a certeza de que outros virão.

Somos testemunhas oculares de que o amor a Deus, transformado em atos de amor tangível aos pobres tem arrastado homens e mulheres para a Eternidade. Vemos isso a cada momento, na pessoa de cada jovem que chega para se consagrar a Deus como Pobre de Jesus Cristo; na pessoa de cada leigo que faz sua promessa a comunidade de Aliança e de cada pessoa que assume algum ministério ou ajuda em algum encontro; nos inúmeros benfeitores que têm sido a Providência de Deus para nós, etc.

É preciso mais do que nunca tomar posse desse mandato de Jesus que nos pede para trazermos outros para o discipulado. Precisamos fazer ecoar aquela última sentença dada por Jesus no final da parábola do Bom Samaritano: “Vai, e faze tu o mesmo.” (Lc 10,37).

Sintetizo essa reflexão em três princípios ou mandamentos que devem orientar toda a nossa vida de seguidores do Mestre Jesus:

Amar a Deus.

Amar o próximo que para nós por primeiro é o pobre.

Fazer discípulos que façam o mesmo.

Pe. Gilson Sobreiro, pjc
Inútil servo da Vinha do Senhor

14 de dezembro de 2010, memória de São João da Cruz

Breve Introdução

Começo esse pequeno texto me apropriando de uma daquelas tantas saudações, com as quais o Apóstolo Paulo se dirigia as comunidades por ele fundadas: (Pe. Gilson), “*servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar aos eleitos de Deus, a fé e o profundo conhecimento da verdade que conduz à piedade, na esperança da vida eterna prometida... Graça e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, nosso Salvador*” (cf. Tt 1,1-4).

Gostaria de dizer que tudo o que aqui escrevi, está imbuído daquela grande certeza que possuía o Apóstolo Paulo: “*Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé; Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais EU sou o primeiro*” (Tm 1,15). Sinto-me, portanto, não como um fundador ou um teólogo ou qualquer coisa que sugira um grau de superioridade ao escrever essas linhas, mas como um pecador tentando orientar outros pecadores.

Sei, por experiência própria, que Deus usa de suas criaturas mais débeis, para dizer a outras criaturas débeis, que Deus pode transformar vidas. Que Ele se utiliza dos instrumentos mais imperfeitos, para inspirar outros instrumentos, também imperfeitos, a trabalharem na sua Vinha.

Um dia eu, assim como Paulo, também tive a minha experiência do “caminho de Damasco”. Senti que com essa experiência, começava de fato a minha adesão consciente à pessoa de Jesus Cristo, em torno do qual, algumas coisas que até então eu considerava essenciais, já não teriam significado algum e outras que eu até repudiava, dariam sentido para a minha vida. Refiro-me aqui aos prediletos do Senhor; os pobres nos seus múltiplos rostos.

Diferente de Paulo, eu não caí só uma vez por terra. Outras quedas vieram e é possível que outras ainda estejam por vir. O que sei, é que no final, o que conta é se aquilo que nós afirmamos crer realmente, nos leva a um amor tangível. “*Por que vocês me chamam Senhor, Senhor e não fazem o que eu digo?*” (Lc 6,46). Aceitar Jesus implica em fazer sua vontade e a sua vontade é que todos tenham vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Espero que esse opúsculo ajude todos aqueles que ora fazem parte desse santo Carisma e os que no futuro farão, a perceber o real papel e o devido lugar que o pobre ocupa no seio de nossa Obra.

Que devo fazer?

Um dia, um jovem se aproxima de Jesus e lhe pergunta: “*Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?*” (Mt 19,16).

Esse jovem não era qualquer jovem, ele era o modelo mais acabado dentro da mentalidade judaica (e também do nosso tempo), de prosperidade e sucesso.

Provavelmente era alguém muito estimado pelos colegas e respeitado pelos rabinos e freqüentadores da sinagoga, por ser um exímio observador dos mandamentos (Mt 19,18-19), um assíduo freqüentador do templo, por estar sempre em dia com o seu dízimo, por guardar os dias santos e as festas e por ler cotidianamente a Torá.

Talvez aquele jovem pudesse ter imaginado que depois de ter relatado o quão bom judeu era (cf. Mt 19,20), Jesus lhe dissesse diante de toda a multidão: “Este, meus amigos, é exatamente o tipo de seguidor que estou procurando!” Mas a resposta de Jesus

foi outra, completamente diferente daquela que o jovem imaginava escutar: *“Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!”*.

Jesus ao olhar para aquele jovem – *“Jesus fixou nele o olhar”* (Mc 10,21) – viu que o seu coração estava dividido. Sua riqueza e seu prestígio social estavam competindo com Deus, pelo primeiro lugar. Aquele jovem havia entregado o seu exterior a Deus, mas não o seu interior; havia se entregue a prática da Lei, mas não havia entregado, incondicionalmente, sua vida.

Ele que veio correndo ao encontro de Jesus (cf. Mc 10,17) retirava-se agora de Sua presença entristecido e abatido, porque possuía muitos bens (cf. Mc 10,22).

Se pudessemos escolher uma música para acompanhar esse momento, com certeza escolheríamos Adágio em Sol Menor, do compositor italiano, Tomaso Giovanni Albinoni, considerada uma das mais tristes músicas já compostas.

Não era possível acreditar naquela cena. Um fato inédito e estarrecedor acontecera. Mesmo depois de ter sido profundamente amado pelo Senhor (cf. Mc 10,21a) e de lhe ter sido prometido um tesouro, que nem a ferrugem, nem as traças poderiam corroer (cf. Mt. 6,20) - o tesouro no Céu (cf. Mc 10,21b), o jovem disse NÃO.

Outros que foram chamados teriam muito mais motivos para dizerem não: - Pedro, um simples pescador; Mateus, um odiado coletor de impostos; Paulo, um implacável perseguidor de cristãos, etc. – mas não disseram. Mas aquele jovem que tinha todas as qualidades humanas e religiosas, dissera NÃO.

Diante de tal recusa, ele se vê então invadido pela tristeza e pelo remorso. Na sua obra L'Évangile Medite, padre Duquesne descreve com exatidão o estado não só da alma desse jovem, mas de todo aquele que diz não ao chamado amoroso e exigente do Mestre Jesus: *“Ninguém renuncia à sua vocação sem uma dor de coração, sem uma secreta tristeza que increpa sua covardia, tristeza que difunde amargura ao longo de todo o curso da vida e aumenta na hora da morte”* (Paris-Lyon: Perisse Frères, 1849).

Quando dizemos que queremos ser discípulos de Jesus, mas ainda assim nos agarramos a uma lista de condições, Ele recusa-se a aceitar o que impomos. Jesus quer tudo, essa é a sua condição.

O problema é que cada vez mais nos vemos invadidos pelo desejo de possuir, justificado por um “evangelho da prosperidade”, que nos leva a pensar que Deus nos abençoa com coisas, como por exemplo, sucesso profissional e financeiro.

É claro que acreditamos que Deus escuta os nossos pedidos e nos abençoa, como fez com Jabez quando O invocou: *“Se Tu me abençoardes, alargando meus limites, se vossa mão estiver comigo para me preservar da desgraça e me poupar da aflição...”* (1Cro 4,9).

Isso, porém, não excluem o tomar todos os dias a nossa cruz, nem tampouco renunciarmos a nós mesmos e buscarmos o caminho da porta estreita (Mt 7,13; Lc 13,24)

Tomemos como exemplo o Apóstolo Paulo que foi um homem abençoado por Deus e que teve seus limites alargados, sendo constituído Apóstolos dos gentios, edificador da igreja primitiva, escritor de mais da metade de todo o Novo Testamento, mas que nem por isso, teve uma vida de “sombra e água fresca”. Ele mesmo dá testemunho disso: *“São ministros de Cristo? Falo como menos sábio: Eu, ainda mais. Muito mais pelos trabalhos, muito mais pelos cárceres, pelos açoites sem medida. Muitas vezes vi a morte de perto. Cinco vezes recebi dos judeus os quarenta açoites,*

Gente que dava dura para sobreviver. Que acordava de madrugada para tomar de três a quatro conduções para chegar ao trabalho. Gente criativa, cheia de histórias de lutas e de conquistas e que no final de semana, ainda encontrava tempo para participar de uma comunidade de fé.

Diante de todo esse emaranhado de desafios, tomamos a decisão de levar a igreja para fora das paredes do seu templo. No começo não foi muito fácil, pois todo mundo já estava meio que acostumado àquele modelo de quem quiser é que venha a igreja. Começamos uma série de iniciativas: semanas missionárias juvenis aonde os jovens iam de porta em porta evangelizando e levando para as ruas do bairro muita música, teatro, dança, etc. Aproveitamos dos tempos fortes no calendário litúrgico para organizar grandes procissões, como na Semana Santa onde os jovens apresentavam a Paixão de Nosso Senhor. Organizávamos caminhada pela paz e contra a violência. Participação ativa nas organizações que discutiam os problemas do bairro e a busca comum por melhorias, etc. Pouco a pouco tudo isso foi se tornando um grande movimento que tomou conta de todo o bairro.

Toda quinta-feira celebrávamos uma Missa mais voltada para a juventude, apesar de ir gente de todas as idades. Uma coisa interessante de testemunhar era a de que muitos dos jovens, conhecidos por todos do bairro por serem envolvidos no tráfico ou levarem uma vida “errada”, como eles próprios diziam, estavam lá todas as quintas-feiras. Muitos diziam que nesse dia não se drogavam, só para ir à Missa. Até hoje me emociono quando penso no número de jovens que tiveram suas vidas transformadas. Mesmo depois de ter deixado a paróquia para poder me dedicar exclusivamente à obra que Deus me confiou, ainda hoje mantenho contato com alguns deles.

Coloquei esse relato aqui justamente para dizer que diante de toda aquela realidade desafiadora dos pobres que viviam naquela paróquia, sobretudo dos jovens, eu tive que tomar uma decisão; ou eu também anestesiava a minha consciência dizendo, o problema não é meu ou, é maior do que qualquer coisa que eu possa fazer para resolvê-lo ou eu descruzaria os braços e como pastor, levaria aquele povo a fazer valer a sua fé no Deus da vida. É isso o que eu entendo por Igreja do Deus Vivo (1Tm 3,15).

Nossa comunidade não pode jamais ser transformada num clube fechado em si mesmo, que está mais preocupado com o bem estar dos seus membros, do que com os milhões de pobres que morrem de fome, doentes, abandonados; que matam por causa da droga ou que morrem por causa dela.

Se não abraçarmos realmente o Evangelho dos pobres e se não estivermos dispostos a viver o espírito de sacrifício e de partilha da igreja primitiva, estaremos colaborando para que a mensagem do Evangelho não se torne mais pertinente e significativa para os tempos em que vivemos e para os tempos que hão de vir.

Não podemos transformar o Evangelho num aparato jurídico, cuja única finalidade é a de condenar os homens por seus pecados morais. Só a autenticidade da nossa fé na forma de um amor tangível, poderá fazer com que o mundo creia n'Aquele a quem nós servimos: *“Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus”* (Mt 5,16).

“... Vão e façam discípulos de todas as nações...” (Mt 28,19).

Lemos nos livro dos Atos dos Apóstolos que a igreja nascente, mesmo em meio a todo tipo de sofrimento e perseguição, desfrutava da simpatia do povo (At 2,47). Os

farto de holocaustos... Tenho horror da fumaça dos sacrifícios... Eu abomino vossas festas... Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem. Respeitai o direito, protegeí o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva. Então se vossos pecados forem escarlates, tornar-se-ão brancos como a neve. Se forem vermelhos como púrpura, ficarão brancos como a lã” (cf. Is 1,11-19).

Vejamos agora um exemplo concreto disso, tirado da Epístola de São Tiago: *“Suponde que entre na vossa reunião um homem com anel de ouro e ricos trajes, e entre também um pobre com trajes gastos; se atenderdes ao que está magnificamente trajado, e lhe disserdes: 'Senta-te aqui neste lugar de honra', e disserdes ao pobre: 'Fica ali de pé', ou 'senta-te aqui junto ao estrado dos meus pés', não é verdade que fazeis distinção entre vós, e que sois juizes de pensamentos iníquos? Ouvi, meus caríssimos irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres deste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do reino prometido por Deus aos que o amam?” (Tg 2,2-5).*

A Igreja não pode ser um casulo espiritual, cujo interesse é somente o de proteger seus membros do mundo. Ela precisa ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14). Ela precisa saber que seu papel é levar os homens a Deus e Deus aos homens.

Basta darmos uma olhada nos informativos de muitas de nossas igrejas, para sabermos se suas prioridades estão concentradas unicamente no bem estar de seus membros ou se existe iniciativas que a mostrem como agente de transformação de um mundo cada vez mais distante de Deus.

Quando cheguei para trabalhar numa paróquia da periferia da grande São Paulo, fui recebido pelos corpos de quatro jovens, que jaziam numa das ruas principais do bairro, vítimas da violência gerada pela droga. Nas três Missas que celebrei naquele dia, não ouvi nenhum tipo de comentário ou prece acerca daqueles quatro jovens. O que havia era, não só um clima de silêncio acerca do fato, como uma atitude de total indiferença. Todos já estavam acostumados a acontecimentos como aquele e já nem mais se davam ao trabalho de comentarem. A sensação que tive, é que estava diante de um povo que tinha se acostumado com a violência e que impotentes diante dela, haviam anestesiado suas consciências.

Por outro lado, a única coisa que via e ouvia nas famosas reuniões paroquiais, assembléias e qualquer outra coisa do gênero, eram discussões e desafetos. Enquanto dez “gatos pingados” discutiam sobre seus “problemas internos”, eu sentia como Jesus, que lá fora havia uma multidão sem pastor.

Como em qualquer periferia de uma grande cidade, os problemas são sempre em proporções gigantescas e a sensação que se tem, é de que não se pode fazer muita coisa ou coisa alguma. Um grande número de jovens está envolvido com o tráfico, ou pertence efetivamente a uma facção criminosa; está envolvido nos roubos de carros e residências ou estão em empregos que são controlados também pelo tráfico como, por exemplo, os transportes coletivos alternativos. Maior ainda é o número de usuários de drogas, sobretudo da “pedra” (crack). Muitos já tiveram passagens pela cadeia ou centros de detenção para adolescentes.

Por trás de cada um desses jovens, há geralmente a ausência dos referenciais familiares. Muitos são filhos de pais separados, alcoólatras ou de mães solteiras que passam o dia fora trabalhando, obrigando assim o filho a crescer sozinho.

Apesar de trágico, esse não era o único retrato do bairro. Havia muitas famílias de bem que lá moravam. Na sua quase que absoluta maioria, formada por migrantes.

menos um. Três vezes fui flagelado com varas. Uma vez apedrejado. Três vezes naufraguei, uma noite e um dia passei no abismo. Viagens sem conta, exposto a perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte de meus concidadãos, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos! Trabalhos e fadigas, repetidas vigílias, com fome e sede, freqüentes jejuns, frio e nudez! (2Cor 11.23-27).

As páginas das Sagradas Escrituras estão repletas de exemplos de pessoas que foram largamente abençoadas por Deus, mas que tiveram que “pagar o preço”. Não precisamos nem citar aqui, os personagens do Antigo Testamento, basta o exemplo dos primeiros apóstolos, tirados das páginas do Novo Testamento para compreendermos bem o enunciado. Dez deles foram martirizados e João ficara o resto de sua vida preso na Ilha de Pátmos.

Se quisermos prosseguir com nossa lista de exemplos, basta ver que no decorrer da história da Igreja, por terem sido abençoados pelo Senhor que os chamou ao Seu serviço, milhares foram martirizados ou submetidos a inúmeras aflições.

Para verem seus ministérios alargados, muitos leigos, religiosos e sacerdotes tiveram que levar uma vida de privações e sacrifícios.

Por meio de situações que parecem ser insolúveis; de barreiras que parecem ser intransponíveis como a perda de uma pessoa amada, o aparecimento de uma doença, os reveses na vida financeira, situações para as quais aparentemente nunca estamos preparados, Deus pode abençoar não só a cada um de nós, como também os que estão ao nosso lado e a todo o nosso trabalho. Deus tira coisas boas de coisas ruins.

Por mais que seja incômodo dizer isso, e até correremos o risco de não sermos mais escutado como fizeram os atenienses com Paulo (cf. Atos 17,16ss), devemos ter a coragem de dizer que as bênçãos de Deus chegam também e, de forma mais abundante ainda, por meio do sofrimento e não por meio dos bens que possuímos, da quantidade de coisas que podemos comprar, de uma gorda conta bancária, etc: *“Caríssimos, não vos perturbeis no fogo da provação, como se vos acontecesse alguma coisa extraordinária. Pelo contrário, alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada sua glória. Se fordes ultrajados pelo nome de Cristo, bem aventurados sois vós” (1Pd 4.12-14).*

Ninguém pode servir a dois senhores...

Enganam-se os que ao olhar para alguém de posses, diz: “fulano possui muitas riquezas”. Quase sempre, são as riquezas que o possui. Elas se tornam verdadeiros deuses a quem muitos adoram e servem como escravos.

Se me permitem ir mais a fundo nesse discurso, diria que tudo aquilo que começa a tirar a primazia de Deus em nossas vidas, se torna uma divindade cultuada. Não só nossas posses, como também nosso trabalho, nosso cargo, nosso prestígio ou até mesmo amigos e família.

Um exemplo um tanto cômico do que estamos dizendo, pode ser encontrado na trilogia *The Lord of the Rings*, do britânico J.R.R. Tolkien. Quem não se lembra do infeliz Gollum, que tinha perdido totalmente sua humanidade e se transformado numa horrenda criatura, por causa do seu “precious?” No início achava que possuindo o Anel do Poder, ele teria tudo o que desejasse, mas no final é ele que é possuído pelo anel.

Citei esse episódio, justamente para compreendermos que para o discípulo de

Jesus, qualquer coisa que se torne mais preciosa do que Ele passa a ser destrutiva. Até mesmo aquelas coisas que como o Anel, parecem ser bonitas e atrativas. E disso, já nos advertiu o próprio Jesus: *“Onde está o teu tesouro, lá também está teu coração”* (Mt 6,21). Podemos supor que foi justamente isso que aconteceu com aquele jovem rico.

A quem enviarei?

Isaias respondeu a Deus dizendo: *“Eis-me aqui, envia-me”* (Is 6,8). A resposta do profeta deveria deixar o jovem rico mais envergonhado do que já estava não é mesmo? E você, qual tem sido a tua resposta? Eu, não Senhor. Tu sabes que eu não posso. Eu não tenho coragem suficiente e nem tampouco capacidades que te possam ser úteis.

Se fosse numa entrevista para algum emprego, com essa resposta você seria eliminado na mesma hora, mas com Deus a história é bem diferente.

Deus jamais escolheria a pessoa que eu ou você escolheria, porque Ele jamais olha para o seu currículo. Se assim o fosse, coitado de Noé que era um velho de seiscentos anos (Gn 6,6). (É uma maneira que o autor usa para dizer que Noé já era de idade bem avançada); de Abraão que teve que partir aos 75 anos com toda a sua família (Gn 12,4); de Moisés que argumentara com Deus que não tinha o dom da palavra e que tinha a língua pesada (Ex 4,10); de igual maneira agirá também com Jeremias (cf. Jr 1,6); de Samuel que era apenas um juvenzinho (1Sm 3,1) e de Davi que era a raspa do tacho de Jessé (1Sm 16,11); de Isaias que era um homem de lábios impuros (Is 6,5); de Ezequiel que era um exilado na Babilônia (Ez 1,1), assim como Daniel (Dn 1,6); de Amós que era um pastor e agricultor (Am 7,14); de João Batista que era uma figura bastante estranha do ponto de vista das convenções sociais (Mt 3,4); de Pedro que era um simples pescador (Mt 4,18); de Paulo que era um implacável extremista religioso (Atos 9,1-2); de Maria que era uma humilde jovem (Lc 1,26-27).

Se é assim que Deus age na escolha dos seus, que motivos teríamos para dizer não? Com certeza nenhum! *“Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte”* (1Cor 1,27).

Os destinatários do nosso chamado

Creio que o que foi exposto até aqui, seja suficiente para entendermos a pedagogia vocacional de Deus. A pergunta agora é, por que Ele nos chama? Ou melhor, para quê Ele nos chama? Ou melhor, ainda, para QUEM Ele nos chama?

Como o objetivo desse meu escrito é oferecer um fundamento sólido sobre o lugar que o pobre ocupa no nosso carisma, gostaria de me deter, sobretudo, nessa última interpelação: Para quem Deus nos chama? Quem são de fato, os destinatários do nosso chamado?

Entre tantas passagens que poderia citar, vou me valer apenas de uma. Acredito que ela sirva para ajudar-nos a compreender a expectativa que Deus nutre em relação àqueles que decidiram segui-Lo. Ela se encontra no tão conhecido texto de Mt 25. É o texto que fala sobre o Juízo Final (31-46).

Apesar de ser um texto que nos aponte para uma realidade num futuro distante, *que ninguém sabe, nem mesmo os Anjos do Céu, mas somente o Pai* (cf. Mt 24,36), suas implicações têm a ver com a expectativa que Deus tem para conosco, seus seguidores.

Por acaso, alguns de vocês ao lerem esse trecho do Evangelho de Mateus, já se

Na presença de Jesus eles sentiam que eram amados, aceitos e valorizados. Com Jesus eles sentiam que Deus é um Pai que está sempre à espera de seus filhos que estão longe. Em Jesus eles encontraram a possibilidade e a chance para mudarem.

Rodrigo tinha apenas 12 anos quando se envolveu com droga. Aos 14 anos já estava numa FEBEM. Como acontece com muitos dos nossos jovens, lá ele conheceu o mundo do crime. Aos 18 anos foi parar numa penitenciária onde ficou por mais de dois anos. Com 15 dias que estava fora da prisão seus próprios comparsas, num “ajuste de contas” mataram seus pais enquanto ele presenciava tudo com uma arma apontada para a sua cabeça. Depois de tamanha tragédia Rodrigo decidiu vir para São Paulo onde foi morar nas ruas, pois as únicas pessoas que ele tinha eram seus pais. Foi nessa situação que os irmãos o encontraram durante uma pastoral de rua que faziam na Praça da Sé. Era o ano de 2004. Rodrigo foi acolhido em uma de nossas casas em São Paulo. Terminado seu tratamento ele foi para Belém do Pará. Estando lá algo surpreendente aconteceu. Durante uma das viagens que ele fazia, reconheceu que o jovem que estava diante dele era um daqueles que havia participado do assassinato de seus pais. Terminada a viagem Rodrigo o encaminhou para uma das nossas casas de acolhida. Ao relembrar esse fato, Rodrigo costuma dizer que foi aí que ele percebeu o quanto Deus o havia mudado. Atualmente Rodrigo está em uma de nossas casas de acolhida no Paraná.

O amor preferencial de Jesus pelos pobres é algo que abarca toda a missão de Jesus. Ele está presente desde o início do seu ministério, como bem demonstra o seu discurso feito da sinagoga de Nazaré: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres...”* (Lc 4,18-19), como até mesmo para testificar que realmente Ele é o Messias. A resposta que Jesus dá aos seguidores de João Batista, quando lhe perguntam se de fato Ele é Aquele que haveria de vir ou se deviam esperar outro, comprova isso: *“Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido; os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres é anunciado o Evangelho”* (Lc 7,22).

Se de fato nos consideramos seguidores de Jesus, Ele espera que nossa vida, assim como toda a nossa comunidade e a Igreja da qual fazemos parte, seja caracterizada por esse amor tangível.

“... Porque apesar de tua fraqueza, guardaste a minha palavra e não renegaste o meu nome” (Ap 3,8b).

Às vezes me pego a pensar que, aqueles com os quais Jesus mais estava, são justamente aqueles que mais estão longe dos nossos ambientes eclesiais. Será que já paramos algum dia para nos perguntarmos o porquê disso?

O mais longe que muitos pobres podem chegar em nossas igrejas, é somente até as suas escadarias e isso, se ela não tiver sido projetada nos padrões de uma “arquitetura anti-pobreza”, onde se coloca grade em tudo, para que eles não incomodem.

De que adianta termos suntuosos templos e faustosos cultos, se não colocamos em prática o amor tangível de Jesus? Disso já nos alertava o próprio Deus pela boca do profeta: *“Esse povo vem a mim apenas com palavras e me honra com seus lábios, enquanto o seu coração está longe de mim e o temor que ele me testemunha é convencional e rotineiro”* (Is 29,13).

Deus somente aceita o culto prestado à sua divindade, se vier precedido do culto da justiça e da caridade. As palavras dirigidas a Israel nos deixam bem claro: *“Já estou*

Passei mais algum tempinho com ele e depois fui para casa. Assim que cheguei, alguém do hospital havia ligado para dizer que ele tinha falecido. Para aquele homem que vivera durante tantos anos de forma tão desumana, nossa pequena comunidade fez toda a diferença.

Eu é que não vou ajudar esse bando de delinqüentes, drogados e vagabundos. Eles estão nessa vida porque querem.

Escutei essa frase tantas vezes que até já perdi as contas. Mas ela não é uma exclusividade só dita aos meus ouvidos. Ela é como as boas-vindas, para todos aqueles que se decidiram pelo Evangelho real.

A primeira coisa que devemos fazer para romper com esse preconceito é desejar amar o pobre como Jesus o ama. E como é isso na prática? Paulo nos responde na carta escrita para os Romanos: *“Eis aqui uma prova brilhante do amor de Deus por nós; Quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós”* (Rm 5,8). Foi para isso exatamente que Ele veio; *“Não vim chamar os justos e sim os pecadores”* (Mc 2,17). E isso Ele nos demonstrou concretamente, quando chamou um ladrão para segui-Lo (Mateus) e acolheu a outro no Paraíso (Dimas); quando se deixou ser tocado por uma prostituta que também se tornaria discípula sua (Maria Madalena); quando acolheu os rogos de uma pagã (siro-fenícia), etc.

A opção de Jesus não é só pelo pobre inocente e desprotegido, mas também por aquele que rouba, que mata, que agride, que engana e manipula. Esse jeito que Jesus tem, de amar, nos desconcerta totalmente. Amar os inimigos, amar a quem persegue, maltrata e até mata é algo que parece impossível para nós.

Somente quem, rompendo todos os pré-conceitos e limites humanos, mergulhou no mundo dos pobres, é que pode compreender esse jeito desconcertante que Jesus tinha de amar.

Descobrimos que o amor de Jesus rejeita o pecado, mas não o pecador.

Descobrimos que para Jesus, amor é sinônimo de misericórdia e a misericórdia dá sempre ao outro o direito e a chance de recomeçar, mesmo quando não se sinta merecedor.

Descobrimos que por trás de alguém violento, existe alguém que pode ser bom. Foi essa descoberta que Jesus fez com Paulo.

Descobrimos que por trás de uma “profissional do sexo”, existe alguém que pode amar de verdade. Foi o que Jesus descobriu quando se encontrou com Maria Madalena.

Descobrimos que por trás de alguém mentiroso e desonesto, há alguém que pode ser um discípulo. Foi o que Jesus viu quando chamou Mateus.

Descobrimos que por trás de alguém desprovido de uma faculdade intelectual brilhante existe alguém dotado de uma sabedoria adquirida na escola da vida. Foi isso que Jesus viu, ao confiar o futuro da sua Igreja a um pescador.

Descobrimos com Jesus que para amar como Ele, é preciso ir além das aparências e ver o coração.

Jesus ia além dos rótulos que a sociedade de seu tempo dava àqueles que para ela, eram desprovidos dos bens terrenos e celestes. Eram esses com quem Ele mais gostava de estar e com quem eles gostavam de estar também: *“Ora, estando Jesus à mesa em casa de Levi, estavam ali reclinados com Ele seus discípulos e muitos publicanos e pecadores; pois eram em grande número e o seguiam”* (Mc 2,15).

perguntaram acerca do critério usado por Jesus para separar as ovelhas dos bodes? Lembro-me que quando eu me fiz essa pergunta, fiquei deveras surpreso com a resposta. O critério para a divisão dos dois grupos não é o fato das ovelhas terem fê e os bodes não, mas o fato das ovelhas terem sido caridosas para com os mais pobres e os bodes não.

O texto deixa isso tão claro, que quando Jesus convida aqueles que estão à sua direita, para entrarem no Reino por terem Lhe dado de comer, de beber, terem Lhe acolhido, vestido e visitado, as ovelhas Lhe perguntam quando foi que isso aconteceu. Ao vasculharem suas memórias, elas não lembram de terem se encontrado com Jesus, em nenhum momento. Quem sabe para algumas delas, Ele era até um desconhecido. Por isso é que elas se manifestam surpresas diante do convite que Ele lhes faz. O que para algumas não passou de um simples gesto humano de amor para com algum pobre, revelou-se como um gesto feito ao próprio Cristo.

A resposta de Jesus e a perplexidade das ovelhas demonstram a exata expectativa que Ele tem de nós: *“Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”* (Mt 25,40).

O que Deus quer de nós, portanto é que sejamos SERVIDORES dos POBRES. É isso que atesta a verdadeira religião: *“A religião pura e sem mácula aos olhos de Deus e nosso Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e conservar-se puro da corrupção deste mundo”* (Tg 1,27).

A mesma coisa já falava, no séc. VII a.C o profeta Isaías ao povo de Israel, que se encontrava em lamentável situação de dominação pela Assíria. A fim de sair daquela situação de cativo, Israel procurava de todas as formas reconciliar-se com Deus, a quem tinha sido infiel, observando as leis e os ritos cerimoniais, orando, jejuando, etc. Assim fala Deus pela boca do profeta: *“Clama em alta voz, sem constrangimento; faze soar a tua voz como a corneta. Denuncia a meu povo suas faltas, e à casa de Jacó seus pecados. Sem dívida eles me procuram dia após dia e parecem desejosos de conhecer os meus caminhos, como uma nação que faz o que é direito e que não abandonou os mandamentos de seu Deus. Pedem-me decisões justas e parecem desejosos de que Deus se aproxime deles. 'Por que jejuamos' dizem, 'e não o viste? Por que nos humilhamos, e não reparastes?’”* (Is 58,1-3).

Deus, no entanto, não se deixa enganar pela superficialidade religiosa de Israel. Externamente parecem fazer tudo o que agrada a Deus – belas cerimônias e cultos de adoração, longas orações e períodos de jejum (cf. v. 3-5) – mas não o agradam porque elas são desprovidas da prática do amor e da justiça aos mais pobres. *“Desejas saber qual é o jejum que eu aprecio? É romper as cadeias injustas, desatar as cordas do jugo, mandar embora livre os oprimidos... É repartir o alimento com o faminto, dar abrigo aos infelizes sem asilo, vestir os maltrapilhos...”* (v. 6-7).

Quem pratica essa verdadeira religião, então será ouvido pelo Senhor: *“Assim, tua luz surgirá como aurora. E tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se... Então às tuas invocações, o Senhor responderá e a teus gritos dirá; Eis-me aqui! Se eliminares do teu meio todo jugo opressor, o dedo acusador e a falsidade do falar; se deres do teu pão ao faminto, se alimentares os pobres, tua luz se levantará na escuridão e tua noite resplandecerá como o meio-dia. O Senhor te guiará constantemente; satisfará os teus desejos numa terra ressequida pelo sol e fortalecerá os teus ossos. Serás como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas nunca faltam”* (v. 8-11).

Se pegássemos a palavra pobre, como um fio condutor entre o Antigo e o Novo Testamento, iríamos ficar surpresos e maravilhados com o interesse de Deus pelos “mais pequeninos”, mas acredito que os poucos trechos citados aqui, sejam mais do que suficientes para nos convencer de que o nosso Deus é o Deus que ama com preferencial amor os pobres, e é isso que Ele espera que nós também façamos.

Creio que mais do que nunca, podemos compreender a força das palavras de Francisco, dita aos seus primeiros confrades e perpetuadas por todos aqueles que como nós, decidiram trilhar seus caminhos: “*A nossa única regra de vida é o Evangelho*”. Mas não qualquer “evangelho”, mas um Evangelho que tem como epicentro o amor misericordioso para com os mais pequeninos: “*Eu te louvo, ó Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos*” (Mt 11, 25).

Cuidemos para não perdermos o foco e acabarmos como os líderes da fé da época de Jesus, transformando as Escrituras num código de severas leis a serem “externamente cumpridas”: “*Atam fardos pesados e esmagadores e com eles sobrecarregam os ombros dos homens, mas não querem movê-los sequer com um dedo*” (Mt 23,4). Nesse capítulo, por sinal, estão contidas as mais duras críticas de Jesus àqueles, que se tornaram obstinados pelo cumprimento exterior da lei. Jesus os chama de hipócritas, guias cegos, insensatos, sepulcros caiados, serpentes, raça de víboras.

O Evangelho é simples! Foi o que Jesus quis nos dizer, quando um estudioso da Lei perguntou a Ele qual era o maior dos mandamentos. Jesus resume os 613 preceitos do ensino judaico, de uma maneira bem simples, para que todos pudessem entender e viver: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo teu entendimento e o segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (Cf. Mt 22,37-39).

Quanto ao primeiro que é amar a Deus, não resta-nos nenhuma dúvida. Agora, quanto ao segundo, seria importante nos perguntar aqui quem é esse “próximo” a quem Ele nos manda amar.

Quando fizeram essa mesma pergunta a Jesus, Ele a respondeu contando uma parábola, a do Bom Samaritano (Cf. Lc 10, 25-37).

O próximo é aquele que nós vemos dormindo debaixo de papelões, catando o que comer nas latas de lixo, amontado nas praças, marquises e viadutos, por causa do vício da droga e que infelizmente muitos, como o sacerdote e o levita da parábola, “passam longe” (v. 31-32). O próximo é o necessitado, ferido, agonizante, anônimo que precisa que o amemos, mesmo não tendo para com ele nenhum tipo de laço afetivo ou parental. O próximo é aquele que precisa de nossa ajuda, muitas vezes naquele instante, como fez o samaritano que foi capaz de esquecer-se de si, para fazer daquele homem agonizante à beira da estrada a finalidade única da sua vida.

Para vivermos o Evangelho do Pobre Jesus é preciso, porém rompermos com uma série de conceitos e pré-conceitos que carregamos e que impedem nosso compromisso concreto com os mais pequeninos. Vejamos alguns deles:

- *Eu não possuo nenhuma qualificação profissional para ajudar os necessitados.*

O Samaritano da parábola nos ensina que não precisamos ser médicos, nem enfermeiros, nem assistentes sociais ou especialistas em alguma coisa, para fazermos o bem.

Um dia, quando os irmãos e as irmãs iam para a Missa, ao passar por um amontoado de entulho, ouviram um gemido saindo lá de dentro. Eles pararam para ver o que era, quando se deram conta de que era uma mulher já idosa, que estava ali embaixo gemendo. Com ajuda de uns policiais, que resistiram um pouco em colocá-la no carro, pois ela fedia muito, levaram-na para a casa das irmãs que prontamente a levaram para o banheiro para dar-lhe um banho. À medida que a limpavam e cortavam seus cabelos, percebiam várias feridas por onde alguns bichinhos começavam a aparecer. Foi quando elas perceberam que entre o couro cabeludo e caixa ucraniana, havia centenas deles. As irmãs levaram-na para vários hospitais que se recusavam a recebê-la, dizendo que não poderiam fazer nada. As irmãs trouxeram-na novamente para casa e decidiram elas mesmas cuidar dela. Todos os dias as irmãs com uma pequena pinça, iam tirando um por um daqueles bichinhos e colocando pomada. Hoje aquela mulher que cheirava a carne apodrecida e era devorada viva, está em uma de nossas casas completamente recuperada e feliz. Ela se chama dona Maria é muito amada por todos nós.

- *O que adianta tirar um das ruas, das drogas, da miséria, enquanto milhares de outros continuam lá?*

Conheço muita gente, para quem essa colocação se tornou um verdadeiro anestésico para a consciência. De fato, essa é uma das melhores desculpas para quem não quer fazer nada e ainda ter a consciência tranqüila.

Sabidamente dissera Bob Pierce uma vez: “*Não deixe de fazer algo, simplesmente porque você não pode fazer tudo*”. Na matemática do Reino, o mais importante não são as estatísticas, mas a pessoa na situação em que ela se encontra. É isso que Jesus quis nos ensinar ao contar a parábola da ovelha perdida e do filho pródigo. “Um” faz toda a diferença para Deus.

Um dia chegou a nossa casa um senhor de idade bem avançada, que caminhava com muita dificuldade e bastante doente. Portava no semblante uma atitude sempre muito séria. Descobrimos com o passar do tempo, a razão daquele semblante carrancudo e daquela personalidade difícil de lidar. Quase ninguém gostava do seu Jarbas. Seu Jarbas tinha passado 30 anos de sua vida dentro de um presídio e para sobreviver aprendeu a ser violento, a tratar a todos sempre com ignorância e a não levar desaforo de ninguém. Ele havia aprendido durante aqueles 30 anos, que a vida era como numa selva, onde só os mais fortes sobrevivem e era assim que ele se comportava. Mas nós estávamos decididos a mostrar para o Jarbas, que outra vida era possível e com muita paciência, revidávamos os seus gestos grosseiros com amabilidade. Eu, particularmente, me aproximei muito dele e pouco a pouco, fui vendo aquele velhinho rabugento ir mudando. Sempre que estava em casa, ia ao seu quarto dar um “dedinho de prosa” com ele. À medida que o tempo passou, seu Jarbas verdadeiramente se tornou outra pessoa, mas seu estado de saúde também piorava e por isso, teve que ser hospitalizado. Numa das visitas que pude fazer a ele, seu Jarbas teve a graça de poder se confessar. Passamos bastante tempo juntos naquela tarde. Certo dia, quando estava viajando recebi uma ligação dizendo que seu Jarbas estava na UTI e que os médicos haviam dito que ele não sobreviveria durante muito tempo. Depois de três dias retornei a São Paulo e fui direto ao hospital para ver o Jarbas. Chegando lá o encontrei já inconsciente e respirando por meio de aparelhos. Coloquei minhas mãos nas suas e fiz uma oração, concluindo-a com essas palavras: “Agora você já pode ir Jarbas. Vá em paz meu querido amigo. O Pai te espera num lugar que você será feliz para sempre”.